

O QUE É IDEOLOGIA?

Federação Anarquista Uruguiaia (FAU)

Todo atuar humano, em todas as vastas expressões de sua multiplicidade, pressupõe uma fundamentação ideológica que o sustenta como pensamento e ação. A esta condição inexorável do fazer do homem, não escapa a formulação de qualquer linha política, nem o processamento da prática política concreta. Portanto, é preciso definir a ideologia, que por trás de cada ato humano situa-se e faz compreensível esta ação. Então, isso nos coloca frente à pergunta. O que é ideologia?

Expressando-nos em termos concretos, ainda que totalmente rigorosos, podemos assegurar que a ideologia é uma estrutura conceitual que considera, fundamentalmente, duas finalidades, que vamos referir no político. Por um lado, a ideologia indica um objetivo para a prática política, propõe um modelo social a ser alcançado. Ou seja, que tem um propósito finalista. Não é possível conceber uma prática política revolucionária sem a formulação de uma finalidade. Assim, a ideologia forma parte organicamente, enquanto tal, de toda totalidade social.

Todo movimento que pretende transformar o mundo propõe um objetivo a alcançar, que implica em um modelo social de caráter ideal: uma utopia social, por assim dizer. Ainda aquelas teorias, como a marxista – insistiram que a prática política deve fundamentar-se em um estudo detalhado da realidade, na análise prevalente das chamadas condições objetivas ou reais – não deixam de formular um objetivo. E ainda quando o próprio Marx e seus seguidores procuraram determiná-lo em seus traços gerais, não deixam de constituir um modelo ideal expressado em termos abstratos e, portanto, de caráter utópico.

Podemos afirmar que o socialismo formula como objetivos traços utópicos, na medida em que a sociedade comunista do futuro só pode ser prevista em seus traços mais essenciais e gerais, naquilo que diz respeito a suas características. Contudo, não deixam de ser formulados como objetivos. E o que é mais importante, esta formulação como objetivo da sociedade comunista, condiciona o caráter do processo que as lutas deverão experimentar para seus ganhos. Em outros termos, quando tratamos do tipo de sociedade finalista para a qual nos inclinamos, implicitamente estamos condicionando os meios que vamos empregar para sua concretização. Ninguém pode determinar, seriamente, como objetivo final, a construção de uma sociedade comunista e empregar para isso um método de ação ou uma prática política que sejam próprios do patrimônio ideológico da burguesia.

Por outro lado, a ideologia cumpre com uma segunda finalidade essencial: proporcionar os elementos conceituais que permitam pensar a realidade. Uma ideologia é um sistema de representações, de imagens de idéias e de conceitos. E por que não dizer, que também integram este sistema os mitos. É muito importante não esquecer que o pensamento não é influenciado pelos conceitos e que estes são instrumentos tão concretos como qualquer outro. Assim como é necessário um martelo para pregar um prego, e ele deve ser fabricado, os conceitos são necessários para pensar, e eles devem ser produzidos. Precisamos de ferramentas conceituais para poder pensar.

A história do pensamento humano foi, e continua sendo, um processo de produção de instrumentos conceituais que vêm permitindo a possibilidade de conformar um pensamento

científico. Por isso o trabalho dos teóricos socialistas foi inestimável, já que elaboraram e determinaram que fossem utilizados conceitos que permitiram compreender o funcionamento da sociedade capitalista, seus fundamentos, suas contradições, e prever qual será o decurso futuro da sociedade.

Os conceitos possuem uma existência e um papel histórico no seio de uma determinada sociedade. Graças a eles, e por sua influência, é possível aprender a realidade, entendê-la e transformá-la. É vital, então, para a atividade política de qualquer organização revolucionária, não só formular um modelo social finalista em direção ao qual se deve caminhar, mas também conhecer, da maneira mais aprofundada possível, a realidade em que se atua e, com base nisso, realizar sua previsão de futuro. Carecer de alguns destes elementos é cair na grave contradição entre a prática política da organização e o processo histórico em que se atua. É incorrer em um erro que só pode ter como resultado a incoerência, a desintegração ou a contenção do fenômeno revolucionário. Erros deste tipo são: pensar que a realidade do Uruguai de hoje admite a possibilidade de voltar ao passado; supor que, por meio das instituições do sistema social vigente, é possível chegar à sua transformação, ou considerar que há possibilidade de desenvolvimento dentro das fronteiras capitalistas, que permita a superação das atuais dificuldades de caráter político e econômico-social.

A linha política e as formas organizativas da ação revolucionária devem resultar de uma análise da realidade e de uma previsão do futuro. Esta análise é processada por meio do pensamento e da ação em interação dialética. O sistema de representações e conceitos (que possui uma lógica e um rigor próprios), que investiga o porquê e o para quê da realidade social, é o que permite a revisão, e que, por sua vez, condiciona a ação política concreta.

Voltando a nossa primeira afirmação: não é possível pensar nem agir sem ideologia, não há conduta humana aideológica; a ideologia é pensamento e ação. De maneira esquemática, poderíamos dizer que a ideologia é uma estrutura ou sistema de conceitos que permite:

1. A formulação de um objetivo finalista (que deve ser explicado da maneira mais clara possível).
2. A apreensão ou compreensão definida da realidade em que se vive, por meio de sua análise profunda e exaustiva.
3. A previsão mais aproximada possível do futuro desta realidade, de sua transformação, tanto naquilo que seja espontâneo, quanto deliberado. Ou seja, em nosso caso, a ideologia não admite o caráter de espectador interessado e analítico das condições ou transformações espontâneas da realidade, mas nos obriga a pensar voluntariamente, voluntariosamente, no sentido de seu futuro...

* Retirado de Juan Mechoso. *Acción Directa Anarquista: una historia de FAU*. Montevideo: Recortes, s/d, pp. 223-224.

* **Tradução: Felipe Corrêa**